



O CARIBE EM RITMO DE GUERRA-FRIA

Therezinha de Castro

1 - INTRODUÇÃO

Area do Novo Continente, o Caribe abrange um grupo de ilhas (as Antilhas), a costa noroeste da América do Sul (Colômbia, Venezuela, Guiana, Suriname e Guiana Francesa) e o Istmo da América Central (Guatemala, Honduras, El Salvador, Nicarágua, Costa Rica e Panamá). Exclui o Golfo do México fechado pelas Penínsulas do Iucatán e Flórida, envolvendo, porém, no todo, o Mar das Antilhas. Caracteriza, pois, o Caribe, a grande barreira de ilhas e um istmo entre as Américas do Norte e do Sul, separando o Mar das Antilhas do Oceano Atlântico e Golfo do México.¹ (Mapa 1)

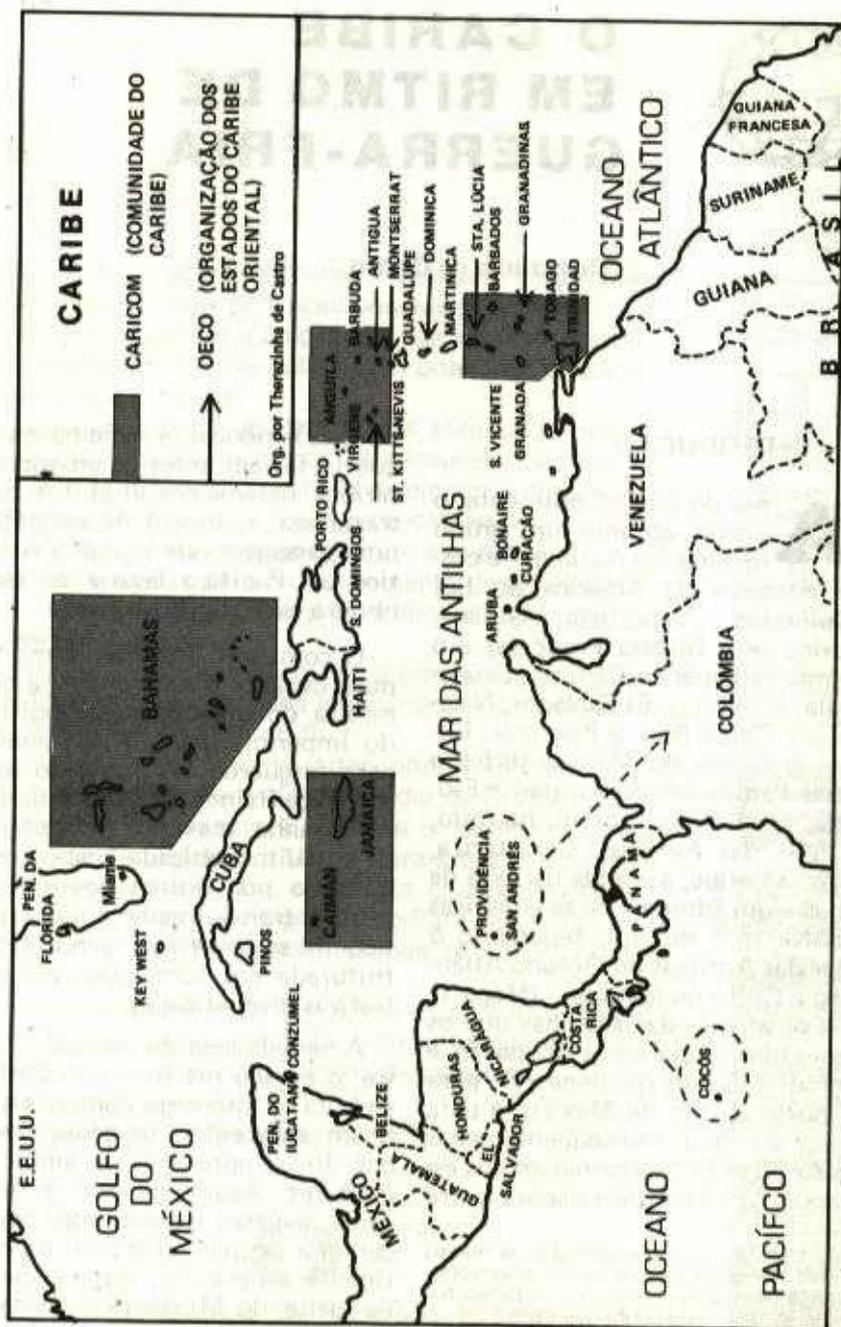
Foi através das Antilhas que os espanhóis iniciaram a ocupação e colonização do continente — para o norte através do México, e para o sul via Peru. Conseqüentemente as Antilhas proporcionaram aos espanhóis pontos de relações entre

as duas Américas, à semelhança do que já faziam antes os aruaques e caribes, nativos das ilhas. Em contrapartida, o desejo de encontrar uma passagem que ligasse o Atlântico ao Pacífico levaria os espanhóis à exploração do istmo.

O complexo Antilhas-Istmo foi, pois, durante o século XVI, a peça mestra do dispositivo geopolítico do Império Espanhol na América para resguardar as rotas do ouro dos Vice-Reinos do Peru e da Nova Espanha, mas que mal defendida e muito cobiçada acabou conquistada por outros povos europeus e transformada num autêntico mosaico étnico, vendo-se estruturada em formações administrativas diversificadas.

À semelhança do espaço terrestre, o espaço marítimo do Caribe, embora os interesses comerciais tenham antecedido os geoestratégicos, foi sempre alvo de ambições militares. Assim, quando os franceses, ingleses e holandeses começaram a ocupar territórios no continente americano, especialmente no delta do Mississipi e Guianas,

¹ Vide para complementação, da mesma autora: "América Central-Caribe: Área Vulnerável do Hemisfério Ocidental". A Defesa Nacional nº 694 — março/abril de 1981.



procuraram se resguardar ocupando pontos de escala nas Antilhas.

No século XIX a posição central do Mar das Antilhas iria adquirir maior importância com a abertura do Canal do Panamá, no momento em que os Estados Unidos se viram atraídos pela duplicação de suas possibilidades geoestratégicas nos dois grandes oceanos — o Atlântico e o Pacífico.

Quando os Estados Unidos se lançavam como nação emergente, em fins do século XIX, a área do Caribe passava praticamente a gravitar em sua órbita de influência. Finalmente, como superpotência, depois da Segunda Guerra Mundial, teria que enfrentar, dentro da bipolaridade, a Rússia, que, rejeitando a premissa de que esse complexo se constituía num "Mare Nostrum" estadunidense, a partir de Cuba passou a divulgar e expandir a sua ideologia, levando o Caribe para o ritmo da guerra fria.

Isto porque, no Caribe, a antecâmara da OTAN, o denominador comum é o subdesenvolvimento, gerando dentro das crescentes expectativas o tumulto político, que por sua vez, favorecendo a fragilidade e volatilidade geopolítica, induz, dentro do contexto neocolonialista, a área para o âmbito da guerra fria.

O Caribe vive de um modo geral em crise, e nas adjacências nenhum dos países experimentou o desenvolvimento equilibrado. A não resolução dos problemas sociais e os contactos com o mundo exterior, sobretudo com os grupos comunistas, contribuíram para que as classes inferiores predominantes

se voltassem naturalmente para a violência. Violência alimentada sobretudo através de Cuba, vista pelo Almirante Harry Train, Comandante em Chefe da Frota do Atlântico, "como um pesadelo geopolítico em potencial".

2 — ARCO ANTILHANO

As Antilhas, barreira insular que vai da Península da Flórida, nos Estados Unidos, até a Venezuela, onde a cada dia surge uma nova nação-ilha tão minúscula quanto inviável, constituem séria preocupação para Washington e numa constante esperança para Moscou. E foi justamente em terras das Antilhas que começou a guerra fria, com a sovietação de Cuba, transformada num "satélite" de Moscou.

Desde a Primeira Guerra Mundial, quase todos os presidentes cubanos que se vinham sucedendo apresentavam tendências ditatoriais. Nesses anos de revoluções caudilhistas teve destaque o movimento levado a efeito pelo então Sargento Fulgêncio Batista, que em 1940 conseguia eleger-se presidente. Após dois períodos presidenciais, Batista ocupava novamente o poder em eleições nas quais já se apresentava como candidato único (1954).

Contra o regime Batista destacava-se Fidel Castro, filho de rico fazendeiro, que demonstrava, quando ainda estudante de advocacia na Universidade de Havana, suas tendências totalitaristas como admirador de Hitler e Mussolini. Após a Segunda Guerra Mundial adotou as idéias comunistas, e por

ocasião da 9ª Conferência da OEA realizada em Bogotá (1948) participou aí de um levante esquerdista.

Tentou derrubar Trujillo na República Dominicana, e preso durante alguns anos, foi para o México após ser libertado. Aí contratou o comunista espanhol Alberto Bayo, técnico em guerrilhas, para, na Estância Santa Rosa, a 30 km da Cidade do México, treinar jovens cubanos. Assim, com modesta força inicial de 82 homens apenas, porém bem treinada, estabeleceu-se na Ilha de Cuba, em Sierra Maestra, onde, em 1957, deflagrou a sua luta contra Fulgêncio Batista.

Não escondendo sua simpatia pelo movimento fidelista, os Estados Unidos (1958) suspendem a venda de armas a Batista, possibilitando assim aos revolucionários irem controlando grande parte da ilha. A fuga precipitada de Batista levou o poder às mãos dos rebeldes; assim, a 5 de janeiro de 1959, instalava-se em Havana o governo fidelista que 48 horas depois era reconhecido pelos Estados Unidos.

Seguro no governo, em fevereiro de 1960, Fidel Castro mostrava aos Estados Unidos o seu verdadeiro objetivo, assinando com o Chanceler russo Mikhoian o Pacto Cubano-Soviético; por sua vez, Juan Marinello, membro do Partido Socialista Popular, declarava: "Aquele que em Cuba levantar a bandeira do anticomunismo estará levantando a bandeira da traição". A 1ª de maio de 1961 Cuba se transformava numa República Socialista, sendo em seguida suspen-

das as eleições e instituído o partido único — o PURS (Partido Único da Revolução Socialista).

A partir de então Cuba se transformou na principal cabeça-de-ponte do comunismo no continente americano, e instrumento de intervenção nos países dominados por governos esquerdistas.

No arco de ilhas onde Cuba é a maior de todas, as ideologias de esquerda têm no entanto cedido lugar a governos mais conservadores e pró-capitalistas. A reviravolta começou em 1980 na Jamaica, o vértice das Grandes Antilhas, quando o trabalhista Edward Seaga, ex-aluno de Harvard, pôs fim, através de eleições, aos oito anos de governo do populista Michael Manley, terminando com sua retórica anticapitalista e sua aproximação com Cuba.

De um modo geral a economia vai mal na área das Pequenas Antilhas, onde se nota a ausência de movimentos radicais quer de direita, quer de esquerda; ou sobrevivem esses pequenos países-ilhas dentro do CARICOM (Comunidade do Caribe), dentro da Comunidade Britânica, ou se beneficiam por integrar a OECO (Organização dos Estados do Caribe Oriental), liderada pelos Estados Unidos. (Mapa 1).

Por sua vez, a única possessão restante da Holanda no hemisfério, as Antilhas Holandesas, iniciaram em março de 1983 o processo que as levará a obter a semi-independência. Assim, em Haia, chegou-se a um acordo que garante a Aruba um status em separado em 1986 e completa independência

em 1996. O destino das demais cinco ilhas do grupo, inclusive Curaçao e Bonaire, ainda está por ser decidido. Como vem ficando bem claro que a Holanda pretende se livrar de todas as suas responsabilidades de metrópole, é bem possível que, tal como o conjunto das Antilhas, esse grupo também se volte para os Estados Unidos em busca de ajuda.

São, pois, esses os problemas herdados pelos Estados Unidos nesta área, que considera como a sua "quarta fronteira", onde os franceses deixaram nações-ilhas em Guadalupe, Dominica e Martinica; foram, porém, os ingleses que durante as últimas décadas concederam independência a 12 colônias na região. A última delas, St. Kitts-Nevis, a 19 de setembro de 1983, nas imediações de Porto Rico, que forma com Cuba e S. Domingos as Grandes Antilhas.

Após sucessivos governos ditatoriais, François Duvalier, no poder desde 1957, elegeu-se em 1961, proclamando-se três anos depois presidente vitalício.

O chefe do "poder negro" do Haiti era também, além de ditador político, sacerdote do vudu, culto fetichista; por sua vez, os "tonton macoutes", formando a sua guarda negra, obtiveram em troca de seu apoio, o direito de cobrar impostos. Por isso, a população do Haiti, formada em sua maior parte de camponeses analfabetos, vivendo esparsos, foi sempre manobrada pelo "Papá Doc", abreviatura de Papá Docteur", alcunha que lembrava os tempos em que Duvalier exercia a medicina.

Morto o "Papá Doc", sucedia-lhe o filho Jean Claude Duvalier na presidência vitalícia (22 de abril de 1971). Reduzindo o poder dos "tonton macoutes", sem no entanto lhes diminuir a fidelidade, conseguiu Jean Claude superar a crise que ameaçava seu governo em virtude do aparecimento de duas facções: a primeira liderada por Denise e o Coronel Max Dominique, irmã e cunhado do novo governante, que exigia a rápida liberalização do Haiti; a segunda, chefiada pelo Coronel Luckner Cambonne e Simone, mãe de Jean Claude, favoráveis a uma liberalização progressiva. Apoiando, ou fingindo apoiar esta última facção, Jean Claude, o "Baby Doc", firmava-se no poder, enquanto o casal Dominique se asilava em Paris.

Procurou Jean Claude aproximar-se dos Estados Unidos prometendo "combater o marxismo ateu"; em agosto de 1972 recebia consultores e técnicos estadunidenses para ajudar na organização dos serviços aduaneiros e postais do país e equipar uma unidade antiterrorista, tão necessária pela distância mínima em que o país se encontra de Cuba.

No âmbito político, no entanto, o país tem ainda destaque os "tonton macoutes", organização criada por François Duvalier um ano após assumir o poder, ao ser desafiado pelo Capitão do Exército Alix Pasquet; criou essa força parapolicial por saber que diversos oficiais do Exército tinham relações com os rebeldes.

Completando em 1983 vinte e cinco anos de existência, os "ton-

ton macoutes" continuam sendo o sustentáculo do poder do governo de direita de Jean Claude. Esse grupo, constituído por 50 mil homens equipados com modernos fuzis israelenses, conta com destacamentos nos mais remotos vilarejos do país. As Forças Armadas, de certo modo subordinadas aos "tonton macoutes", têm um efetivo de apenas 5 mil homens.

Depois de Cuba, a Ilha de S. Domingos é a segunda em tamanho nas Antilhas, ocupando uma área de 77.387 km² dos quais 49.543 km² pertencem à República Dominicana e somente 27.844 km² ao Haiti.

Com o advento dos Trijillos em S. Domingos, em 1930, abre-se um longo período ditatorial que culminaria em 1961, no momento em que Cuba se sovieta. Assim, as eleições livres colocavam no poder Juan Bosch, que, procurando dar ao país um cenário de liberdade de expressão e tornando invioláveis os direitos humanos, permitiu o retorno dos comunistas exilados no período trujillista. Esse fato determinaria a deposição de Bosch por um grupo militar anticomunista das Forças Armadas e a instalação de um triunvirato civil, que por sua vez não se mostrou eficiente para impedir a escalada comunista.

Para impedir que a República Dominicana se transformasse em outra Cuba, os Estados Unidos intervieram numa ação endossada pela X Reunião de Consulta dos Ministros das Relações Exteriores da OEA. Participaram também da pacificação daquele país um con-

tingente do Paraguai, Honduras, Costa Rica e Guatemala, que vieram constituir a FIP (Força Interamericana de Paz), exercendo o Brasil o comando através dos Generais Hugo Panasco Alvim e Alvaro Alves Silva Braga, respectivamente.

Em 1966, com a reeleição de Joaquim Ballaguer, a República Dominicana entrava em seu período de estabilidade política. Sem nenhuma crise, a democracia dominicana enfrentou cinco eleições com mudanças de governos, mostrando que houve divergências partidárias no país de 6 milhões de habitantes, mas não abismos ideológicos.

No entanto, de todas as ilhas do Caribe, a que vinha causando, nos últimos tempos, maiores inquietações aos Estados Unidos era Granada. Com 344 km², essa ilha do Caribe, integrante das Pequenas Antilhas, é muito menor que o município do Rio de Janeiro (1.346 km²) e bem menos povoada que vários bairros cariocas, já que sua população é estimada em apenas 100 mil habitantes, em sua maioria de ascendência negra.

Vivendo de incipiente agricultura, obteve Granada a sua independência em 1974, passando a viver como a maioria dos minúsculos países-ilhas, com acento na ONU, na mais completa dependência econômica e instabilidade política. Tanto assim que a deposição em 1979 de Eric Gairy, famoso pela selvageria de sua polícia, os mandamentos, efetuada pelo marxista Maurice Bishop, em nada mudaria no setor da instabilidade, mas dei-

xaria o governo de Washington de sobreaviso. Sobreaviso que se transformou em tensão, quando Bishop foi deposto e substituído pelo General Hudson Austin, marxista bem mais radical e supostamente de maior submissão a Havana-Moscou. Essa mudança de governo levaria os Estados Unidos a invadir a ilha em outubro de 1983.

Num confronto é interessante destacar que o governo Bishop começou quatro meses antes dos sandinistas ocuparem o poder em Manágua, e justamente no momento em que os Estados Unidos estavam ocupados com o eixo Jamaica-Cuba. Assim, enquanto caía o governo esquerdista jamaicano de Manley, surgia na encruzilhada estadunidense o problema Nicarágua-Granada.

Afastando qualquer possibilidade de um governo democrático tradicional, afirmando serem as eleições incompatíveis com a revolução, Bishop se desentendeu com os Estados Unidos, aproximando-se de Cuba e de países do Bloco Soviético. Transformando Granada num ponto de apoio de dirigentes marxistas, acolheu membros da União Internacional dos Estudantes e do Tribunal Anti-Imperialista da América Central.

Sem jamais descartar a possibilidade da invasão estadunidense em sua ilha, Bishop teve todo o apoio do Leste Europeu através de armas e assessores cubanos, apoiando na ONU, em compensação, a intervenção soviética no Afeganistão.

Estava, pois, concretizado o triângulo geoestratégico comunista no Caribe, com vértices em Cuba,

Nicarágua e Granada. No entanto, a previsão de que Granada seria mais um trampolim da "marca registrada Cuba-URSS" para disseminar o vírus do marxismo entre seus titubeantes vizinhos países-ilhas, iria tomar forma através da construção do aeroporto de Ponta Salinas. No sul da ilha, com pista de pouso de quase 3.500 metros, essa construção estaria em funcionamento em 1984; esse autêntico "porta-aviões natural soviético" era para Washington a prova de um plano comunista para bloquear as rotas marítimas do Caribe e destruir os campos petrolíferos da Venezuela.

Eis que têm início, porém, as especulações de que Bishop estava procurando tirar proveito da guerra fria para jogar um bloco contra o outro; especulações que começaram quando em junho de 1983 Bishop foi a Washington para anunciar que realizaria uma eleição para aprovar uma Constituição que viesse "a satisfazer a todas as classes".

Acusado de tentar melhorar as relações com os Estados Unidos, não imaginou que um grupo esquerdista radical o destruísse e o assassinasse, dando assim a Reagan a oportunidade de eliminar a ameaça marxista nas Pequenas Antilhas.

O grupo radical do General Hudson Austin iria, ao que se dizia, apressar as obras daquele aeroporto, construído com recursos de países árabes e europeus, havendo entre as firmas empreiteiras uma estadunidense — a "Lane Dredging Ltda.", encarregada da nivelção

do terreno. Esse aeroporto, no lado oposto ao do Internacional de Pearl, no norte, que prometia incrementar ainda mais o turismo, não convenceu a Washington; assim, entre as razões econômicas e as estratégicas, Reagan optou por estas últimas, já que Granada, com reduzido Exército de 2.200 homens, não possuía Marinha e, muito menos, Aeronáutica.

A tropa multinacional² que invadiu Granada encontrou, logo no primeiro alvo, o controvertido Aeroporto de Ponta Salinas, grande quantidade de armas soviéticas, em especial fuzis AK-47. Essa tropa multinacional foi possível por haver Reagan invocado o Tratado de 1981 que instituiu o OECO (Organização dos Estados do Caribe Oriental), agrupando oito países — Antigua, Dominica, Montserrat, St. Kitts-Nevis, Sta. Lúcia, S. Vicente, Granadinas e a própria Granada, transformados em co-responsáveis pela segurança coletiva da região "contra agentes estrangeiros inclusive mercenários, com ou sem apoio interno, ou de elementos nacionais".

Na véspera da invasão, Granada foi excluída do CARICOM (Comunidade do Caribe), formada por ex-colônias inglesas.

3 — O ISTMO

O istmo que forma uma ponte natural entre as Américas do Nor-

² Seis países do Caribe Oriental contribuíram com força simbólica de 300 homens, para a invasão de Granada comandada pelos Estados Unidos, com um efetivo militar de 12 mil homens: Jamaica (120 soldados), Barbados (50 soldados) e os demais, Antigua, Dominica, Sta. Lúcia e S. Vicente com outros 130 conjuntamente.

te e do Sul, é muito estreito em comparação com as massas continentais que une; sua largura se reduz ainda mais nos istmos que formam as zonas mais apertadas da América Central — o de Honduras, o de Nicarágua, o de Costa Rica e o do Panamá, o mais estreito de todos com apenas 80 km de largura. Com uma extensão de 365.000 km² o istmo está ocupado por oito países que, muito mais que os antilhanos, refletem a guerra fria no Caribe.

A menor nação do istmo, Belize, entre a Guatemala e o México, tornou-se independente em 21 de setembro de 1981, mantendo latente um foco de atrito. É que a Guatemala insiste em suas pretensões de anexar essa ex-colônia inglesa indicando, embora veladamente, que se não conseguir tal intento diplomaticamente, irá, assim que puder, se valer da força.

A Guatemala não reconheceu a independência de Belize, insistindo em alertar aos Estados Unidos para o suposto uso das florestas na fronteira belizinha, transformadas em "santuário guerrilheiro". Essa atuação da esquerda, segundo o governo guatemalteco, põe em perigo não só a direita na Guatemala, como também poderá vir a influir na geoestratégia do próprio istmo no caso de uma guinada de Belize para a esquerda.

Para fazer frente à cobiça da Guatemala, Belize não conta com um Exército próprio, mas sim com duas companhias de sua chamada "Força de Defesa".

Dentro, pois, do contexto, no acordo de independência, se impôs

a permanência de uma força inglesa, devendo esta limitar-se à defesa das áreas de fronteira, comprometendo-se a não interferir em questões internas. Os 1.600 militares ingleses, além do auxílio, como núcleo de treinamento, de uma espécie de "Força de Intervenção Rápida", nos moldes da que os Estados Unidos estruturaram, proporcionam experiência operacional em condições de guerra na selva. Tida como necessária para garantir a integridade de Belize, que politicamente vive alheia aos tumultos do istmo, essas forças inglesas talvez não pudessem fazer frente ao Pacto de Defesa Mútua assinado em 1965 pela Guatemala, El Salvador, Honduras e Nicarágua. Internamente conturbados e externamente ameaçados, será, no entanto, pouco viável que esses países possam acrescentar a seus problemas uma guerra além-fronteira.

E, justamente um desses países, o mais interessado, a Guatemala, viu surgir em 1950 a guerrilha em seu território, quando da criação do MAR-13 (Movimento Revolucionário 13 de Novembro), dirigida por dois ex-oficiais do Exército — Yon Sosa e Luís Turcios Lima. Derrotada em 1959, a guerrilha retornaria no ano seguinte através das FAR (Forças Armadas Rebeldes), que, em 1970, se subdividia em duas organizações: o EGP (Exército Guerrilheiro dos Pobres) e a OPA (Organização do Povo em Armas).

Embora todas essas organizações sejam pró-soviéticas, agindo com o auxílio do eixo Rússia-

Cuba-Nicarágua, opera também na Guatemala o "braço armado" do PGT (Partido Guatemalteco do Trabalho), fundado no governo de Juan José Arévalo, mas atualmente na clandestinidade.

A conselho de Moscou, em 1982 esses grupos de esquerda formaram uma frente comum através URNG (Unidade Revolucionária Nacional Guatemalteca) para uma ação coordenada nesse país, que é o menos pobre e o mais industrializado no istmo.

Enfrentando pela terceira década consecutiva a rebelião, os guerrilheiros se abrigam nas montanhas do interior, onde predomina o elemento indígena que quase nem sabe falar o espanhol; população que, no entanto, deu apoio logístico, por ter sido aliciada com propaganda política de estórias em quadrinhos, e posterior treinamento militar.

A Guatemala, com classe média mais numerosa que a de seus vizinhos, tornou-se bem permeável às propostas reformistas tão a gosto das esquerdas. Com o Exército mais poderoso da área, de efetivo inclinado para a direita, nem por isso deixa de impedir que haja no país um clima de instabilidade, contando mesmo com o precedente do governo do Coronel Jacobo Arenz, deposto em 1954 por suas tendências esquerdistas. Assim, além do Exército regular, os integrantes das Patrulhas de Defesa Civil, recrutados na "Campanha Feijão e Fuzis", lutam contra os esquerdistas.

Em junho de 1982, com o General Efraim Rios Montt no po-

der, ante uma oferta de anistia aceita por apenas 150 dos quase 6.000 guerrilheiros, iniciou-se uma ofensiva contra as esquerdas. Dizendo-se "Enviado de Deus", considerado o "Aiatolá da Guatemala"³, Rios Montt acabou tendo que renunciar, visto não interessar aos Estados Unidos o renascimento de fenômenos Batista (Cuba) e Somoza (Nicarágua). No entanto, para Washington a presença do governo de direita da Guatemala é de vital importância dentro da política de equilíbrio geoestratégico que reforça o eixo salvadoreño-hondurenho.

Em Honduras opera uma organização guerrilheira de esquerda, as FPR (Forças Populares Revolucionárias), também conhecendo-se seus adeptos por "chinchoneros"⁴. Os "chinchoneros" surgiram em 1978 após uma cisão do Partido Comunista Hondurenho, mantendo vínculos com a FMLN (Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional) e, obviamente, com Moscou via Cuba-Nicarágua.

A primeira ação conhecida dos "chinchoneros" foi o seqüestro de um avião da empresa SAHSA, em 26 de março de 1981, para exigir a libertação do guerrilheiro salvadoreño Facundo Guardado.

Ante a instabilidade dos 385 golpes de estado desde a sua inde-

pendência, o Comandante do Exército, o General Gustavo Alvarez, denunciando a entrada no país de guerrilheiros treinados em Cuba e na Nicarágua, passou a realizar manobras na Província de Olancho, o que, para alguns observadores, significa, na prática, uma camuflagem tática hondurenha para justificar uma futura investida contra o esquerdismo na Nicarágua.

Honduras mantém íntimo relacionamento militar com os Estados Unidos, passando a ser a plataforma geoestratégica do Pentágono na América Central. Dos 3 milhões de dólares em 1980, a ajuda estadunidense passou para 21 milhões em 1983; enquanto o governo de Washington financia a construção de um aeroporto capacitado para receber todos os tipos de aviões, ajudando a formar a maior e praticamente a única força aérea da região.

Honduras, deliberadamente hostil ao governo sandinista da Nicarágua, permite que seu território sirva de base para a guerrilha direita da FDN (Frente Democrática Nicaraguense).

O Partido Comunista Salvadoreño descende de Farabundo Martí, que lutou na Nicarágua ao lado de Sandino, tendo sido fundado em 1930. A partir de então, sem oportunidades de tomar o poder através de eleições, uniram-se, seguindo instruções de Moscou, os seus partidários em coalizões eleitorais, apoiando candidatos do centro, entre os quais José Napoleon e Guillermo Ungo.

³ Convertido à seita "Além do Evangelho", fundada em Eureka, na Califórnia, que recebeu na Guatemala o nome de "El Verbo", era chefiada por Rios Montt desde 1979, contando com vários adeptos fanatizados.

⁴ Apelido do lendário rebelde hondurenho Serápio Romero que lutou contra o governo de José María Medina, sendo fuzilado em 1898, e que vivia de fazer "chinchas", ou seja, cilhas para montaria.

Esses pactos officiosos, no entanto, não agradaram ao ex-padeiro, ativista do sindicato, Cayetano Carpio, com nítidas intenções de partir para a luta armada. Assim, em 1969, quando disputava o cargo de Secretário Geral do Partido Comunista Salvadorenho, viu Moscou tirar-lhe o apoio para dá-lo ao "eterno estudante de Direito", Jorge Shafik Handal, de 39 anos, filho de um abastado imigrante palestino. Abandonando o Partido, Carpio fundou, em 1970, as FLP (Forças de Libertação Popular), acusando seus patrícios comunistas de serem meros reformistas burgueses.

A partir daí começaram as cisões no meio comunista já que no ano seguinte surgia o ERP (Exército Revolucionário do Povo), arregimentando ativistas universitários sob a chefia de Joaquim Villalobos; em 1975 novas divergências entre as facções militar e política do ERP davam origem a outro grupo guerrilheiro, as FARN (Forças Armadas de Resistência Nacional).

Quanto ao PRTC (Partido Revolucionário dos Trabalhadores da Centro-América) e à FAL (Forças Armadas de Libertação), dirigida por Handal, hoje com 55 anos, também fruto de dissidências as demais organizações esquerdistas de guerrilha, tiveram pouco destaque em El Salvador até a década dos 70. Só quando passaram a se especializar em seqüestros, ocupação de fábricas e de edifícios públicos, a dominar sindicatos e a manipular negociações salariais, é que, sobretudo a FLP e o ERP, tiveram destaque. Note-se, no en-

tanto, que a maior parte dos atos terroristas salvadorenhos só começaram após a infiltração, nos sindicatos, dos professores, estudantes e camponeses, onde conseguiram adeptos, que, reunidos em organização de massa dirigida, foram lançados nas atividades de rua.

Em 1980, reunidas na FMLN (Frente Farabundo Marti de Libertação Nacional) as cinco organizações esquerdistas de El Salvador, com o apoio de sandinistas e cubanos, é que se desencadeou uma ofensiva geral que resultou na ocupação, em fevereiro de 1982, de Berlim, cidade salvadorenha, com 50 mil habitantes, na Província central de Usulután. O Exército não conseguiu enfrentar os guerrilheiros, mas ao receber ajuda dos Estados Unidos, através de uma ação mais coordenada, venceu a FMLN quando atacou San Miguel, a terceira cidade do país, com 100 mil habitantes.

Até o momento a ofensiva esquerdista salvadorenha não chegou a provocar a desejada insurreição popular, deixando mesmo, inabilmente, de se valer da Igreja Católica, envolvida na crise nacional, não somente através dos padres do interior ligados aos camponeses, mas sobretudo valendo-se do Arcebispo Oscar Romero, que nunca teve a simpatia dos militares e da direita, acabando assassinado em plena missa, em março de 1980.⁵

O fato é que a guerra civil em El Salvador já dura quatro anos, visto

⁵ Deve-se ressaltar que ante o fascínio das comunidades de base e em nome da unidade do movimento popular, a Igreja da Nicarágua apoiou o sandinismo, para se arrepender logo após a sua vitória.

que o processo político atingiu a um nível mais agudo de confronto entre extremos, tornando por isso mais difíceis as soluções intermediárias.

De seu lado, os Estados Unidos procuram, a todo custo, evitar que a esquerda suba ao poder em El Salvador, aumentando sempre a ajuda militar através do CBI (Caribbean Basin Initiative), ou seja, a Iniciativa da Bacia do Caribe. Na prática, El Salvador é uma cabeçade-ponte crucial para os interesses geoestratégicos dos Estados Unidos no estabelecimento de "um limite contra o comunismo na América Central", segundo palavras de Reagan.

A menos que se promova uma invasão, tal como a que se fez em Granada, para desalojar os sandinistas⁶ de Manágua, só através de uma guerra prolongada de desgaste a direita conquistará o poder; sobretudo, porque os anti-sandinistas estão separados por divergências.

O coronel da Guarda Somozista, Henrique Bermudez, chefe militar da FDN (Força Democrática Nicaraguense), tem tendências nitidamente direitistas, não contando por isso com o apoio da ARDE (Aliança Revolucionária Democrática), que se proclama anticomunista, mas repele o imperialismo

condenando tanto Moscou quanto Washington.

Em fins de 1983 a ARDE se dividiu com o desentendimento entre Eden Pastora, o Comandante Zero, que ficou com seus guerrilheiros, enquanto Alfonso Robelo manteve o setor político. O motivo aparente da ruptura, sendo especulações, se prende ao fato de Robelo ter sido persuadido por Washington de que a única forma de conquistar o poder em Manágua é formar uma frente única com a coordenação e ajuda financeira dos Estados Unidos.

Mas não pára aí a divisão anti-sandinista, visto que Fernando "El Negro" Chamorro vem denunciando a FDN e forças do Exército hondurenho de desarmar seus 500 guerrilheiros, como represália, por não ter ele aceito uma união de suas forças com as do Coronel Henrique Bermudez. Tanto "El Negro", como o biólogo marinho Stedman Fagouth, este dirigente da organização anti-sandinista "Misurata", que reúne índios miskitos, aceitam uma aliança tática com a FDN, mas não a submissão total.

Os Estados Unidos parecem confiar na FDN, integrada por somozistas, mas reconhecem que para uma vitória na Nicarágua há necessidade de uma presença carismática que o Comandante Zero tem, mas que falta ao empresário Adolfo Portocarrero, com grandes poderes na Direção Nacional, organismo dirigente da FDN.

O posicionamento de esquerda do governo nicaraguense leva à instalação de um país militarizado ou

⁶ Homenagem a Augusto Cesar Sandino, revolucionário nicaraguense (1895-1934) que lutou contra o governo, fortemente assistido pelos Estados Unidos de 1927 até 1932. Quando as tropas estadunidenses começam a deixar o país, Sandino se propôs a firmar paz com o governo. Quando saía do Palácio, após um encontro com o Presidente Juan Sacaza, foi seqüestrado juntamente com alguns companheiros e sumariamente fuzilado.

"um povo em armas para defender a revolução", como preferem os sandinistas. Como país encerrado, além dos 25 mil milicianos mobilizados, a população recebe treinamento militar e a imprescindível ajuda do Bloco Comunista via Cuba, tanto em armas como em assessores.

Sem atividades armadas de oposição, a Costa Rica, até bem pouco tempo uma tradicional "ilha de democracia e tranqüilidade", se encontra seriamente ameaçada de se transformar no "Líbano da América Central". No âmbito da turbulência regional está ficando cada vez mais difícil ao Presidente Luís Alberto Monge provar a sua neutralidade, servindo o território costarricense de base para a ARDE, que em outubro de 1983 bombardeou com aviões civis o aeroporto de Manágua e o porto de Corinto, o mais importante da Nicarágua.

Difícil provar essa neutralidade, sobretudo depois que a Costa Rica retirou o seu embaixador de Manágua, congelando seu relacionamento com os sandinistas, acusando-os de terem atacado o território costarricense sob pretexto de destruição de um posto fronteiriço nicaraguense de Peñas Blancas por anti-sandinistas.

A situação se encontra tensa, muito embora o Conselho de Segurança costarricense venha ameaçando o líder político da ARDE, Alfonso Robelo Callejas, de expulsão, caso venha a ser comprovada "uma ação militar armada contra a Nicarágua". É fato, porém, que essa ação existe, já que

em 1983 a polícia de Costa Rica capturou um helicóptero que a serviço do grupo de Pastora procurava transportar armas para entregá-las a mercenários sandinistas.

Eden Pastora, durante a luta contra a ditadura de Somoza, foi um dos principais comandantes sandinistas. Com a vitória destes, em 1979, ocupou o cargo de Ministro da Defesa; divergindo da orientação dos nove comandantes que formavam a FSLN (Frente Sandinista de Libertação Nacional), partido único que domina todos os setores da nação, Pastora deixou a Nicarágua em 1981, iniciando luta armada à frente da ARDE em abril de 1983. Tendo em vista a dubiedade da ARDE, embora simpatizando bem mais com a FDN, o Chefe do Comando Sul das Forças Armadas dos Estados Unidos, com sede no Panamá, o General Paul Gorman, obteve do governo de Costa Rica a aprovação do projeto de implantação de uma rodovia cruzando a selva até a fronteira nicaraguense, onde opera a guerrilha de Pastora. Essa infraestrutura rodoviária que deverá ser construída em 1984, além de facilitar o acesso por terra, poderá também ser utilizada por aviões-cessna, o tipo empregado pela ARDE quando bombardeou alvos estratégicos nicaraguenses em Manágua e Corinto.

É fato notório que, aproveitando-se da situação liberal de Costa Rica e do respeito ao direito de asilo vigente, para aí se transferiram inúmeros dissidentes estrangeiros que "libanizam" o país, transformando San José numa es-

pécie de Casablanca da Segunda Guerra Mundial retratada num filme estrelado por Ingrid Bergman e Humphrey Bogart.

Acolhendo elementos de esquerda e de direita, a "libanização" de Costa Rica se vem caracterizando através de seqüestros de iranianos anti-Khomeini e atentados à bomba entre simpatizantes e não simpatizantes de cubanos e sandinistas. Em outubro de 1982 foi seqüestrado em Costa Rica o "jornalista" Hector Frances, que meses depois era mostrado na televisão de Manágua, onde confessava ser ex-oficial do Exército argentino e estar ligado aos sandinistas; enquanto a Guarda Civil, em 1983, era obrigada a atuar com rigor no norte do país, na região de Upala, para reprimir tiroteios entre sandinistas e anti-sandinistas.

Em setembro de 1983 chegou até mesmo a ser descoberta uma célula da ETA, organização separatista basca, numa sede clandestina que incluía seis casas de segurança.

Em função dos acontecimentos citados, por conceder, dentro dos princípios democráticos, a liberdade aos estrangeiros Costa Rica sofre o perigo de ter que vir a militarizar-se. A polícia costarriquenha, que fiscaliza as fronteiras, é pequena e mal equipada, o mesmo ocorrendo com a Guarda Civil, cujo Diretor Geral, o Coronel Oscar Vidal Quesada, pede um aumento de 60% no efetivo, visto que essa principal força do país conta com apenas 4.500 homens.

Além de pretender instalar defesa antiaérea em seu território, o

Presidente Luís Alberto Monge criou a OPEN (Organização para Emergências Nacionais), força paramilitar de apoio à Guarda Civil; com armamento modernizado, composto por cidadãos de comprovada tendência direitista, também já opera em Costa Rica o MCRL (Movimento Costa Rica Livre), chefiado pelo extremista de direita Bernal Urbina, que conta com a anuência oficial.

4 – O MARGINAL-SUL

Ao lado da Colômbia e da Venezuela, fazem parte do Marginal-Sul do Caribe, no continente sul-americano, o "quisto" franco-anglo-holandês das Guianas. Esse "quisto", como zona geopolítica infantil, à semelhança da América Central e Antilhas, ainda não se definiu, vivendo, pois, dentro do neocolonialismo.

Compõe a zona de disputa mais intensa no continente, caracterizada por problemas de fronteira e de soberanias contestadas, que se estende desde a Guatemala-Belize, passa por El Salvador-Honduras, Nicarágua-Honduras, Nicarágua-Colômbia (disputa das Ilhas Providência e San Andrés), passa pelo Canal do Panamá, atingindo o enclave estadunidense de Guantânamo em Cuba; continua através das disputas fronteiriças Colômbia-Venezuela, Venezuela-Guiana e Guiana-Suriname.

O problema Colômbia-Venezuela se prende às fronteiras no Golfo de Maracaibo e Península de Guáira, região rica em petróleo, onde negociações, ameaças de conflito

armado e novas negociações têm sido uma constante.

Quanto à Venezuela, por sua vez, exige a devolução da área oeste do Rio Essequibo, com cerca de 140.000 km², que compõem 2/3 do território guianense, cedido em 1899 à Inglaterra, então metrópole da Guiana. Essa região rica em petróleo e bauxita é flanqueada pelo Brasil ao longo do Território de Roraima e Estado do Pará, com acesso fluvial pelo Rio Trombetas. No contexto do conflito, deve-se destacar que a Guiana tem recebido ajuda de Cuba desde 1974, quando Fidel Castro visitou Georgetown, colocando-se frontalmente contra as reivindicações venezuelanas.

As contestações se seguem entre a Guiana e o Suriname numa área de 14.000 km², rica em petróleo, bauxita e recursos energéticos hídricos; discutem esses dois países sobre se a fronteira passa pelo Co-rentine ou o New River. No dia 19 de agosto de 1969, aviões militares guianenses aterrissaram num pequeno campo de pouso de Tigri no triângulo em litígio, instalando-se ali uma presença militar que permanece até hoje, a despeito das reclamações do Suriname, que alega um acordo entre os dois países sobre a desmilitarização da área.

Dentro, pois, do contexto geopolítico, a Região Norte do Brasil é considerada instável, visto que, além de uma colônia pertencente como Departamento de Ultramar à França, os países independentes da área sul-americana do Caribe mantêm litígios territoriais; litígios que enfraquecem ainda mais a

política interna pelo totalitarismo que caracteriza tanto a Guiana quanto o Suriname.

Em 25 de novembro de 1972, ao se tornar independente da Holanda, continuou o Suriname com uma ajuda anual de 100 milhões de dólares por parte da ex-metrópole. Aglomerado de etnias e culturas, com 52% de asiáticos, 37% de negros e mestiços vivendo ao lado de apenas 11% de brancos, com o holandês como idioma oficial, mas com a população se expressando também em espanhol, inglês, indú e o dialeto anglo-crioulo — o taki-taki, seria normal que, em face da independência prematura e de sua localização em zona tão conturbada, o Suriname sofresse constantes guinadas políticas e econômicas.

Assim, em 1981, os militares surinameses pressionavam o governo para o restabelecimento de relações diplomáticas com a Rússia, Cuba e Coréia do Norte; e criavam o PPR (Partido Popular Revolucionário), dentro do proselitismo de esquerda, organizando milícias armadas.

Ante golpes e contragolpes que a fragilidade das instituições impunha, chegava Desi Bouterse ao governo em 1980, quando Fidel Castro lhe rendia homenagens, sendo ainda visitado por Maurice Bishop, já não muito bem recebido, em outubro de 1982, ante uma demonstração de 15 mil pessoas reunidas pelos oposicionistas de direita. Alertado, segundo informações, por Bishop de que estava agindo complacientemente com a direita, Bouterse prendia a 16 de

dezembro de 1982 os principais líderes oposicionistas, assassinados barbaramente, logo em seguida.

Bouterse já era então considerado como aliado de Cuba e da Rússia; era, conseqüentemente, de se esperar que Washington não reconhecesse a legitimidade desse regime no Suriname, tendo, diante da carnificina de dezembro, juntamente com o governo holandês, suspenso toda e qualquer ajuda econômica ao país. Seria, pois, esta uma excelente oportunidade para que Cuba viesse a transformar o Suriname numa cabeça-de-ponte para o resto da América do Sul, sobretudo pela posição do país, isolado do continente não só pelo idioma, como pela densa floresta que cobre parte de seu território, tão apreciada pelos guerrilheiros como "santuário".

Envolvido diretamente nessa área, onde só temos fronteiras-faixas, ou seja, despovoadas, em abril de 1983, procurando neutralizar o Suriname da influência de Havana, o Ministro para Assuntos Fundiários, o General Danilo Venturini voou para Paramaribo. Recebido por Bouterse, ficou expresso entre os dois países o desejo de "preservar a América do Sul de confrontações que lhes são estranhas", devendo, antes de tudo, "prevalecer o direito de autodeterminação dos povos, sem qualquer tipo de interferência direta ou indireta". (Resenha de Política Exterior do Brasil — nº 32.) Para evitar a interferência cubana, o Governo Brasileiro prometeu, em troca, um programa econômico-cultural para tirar o Suriname do isolamento im-

posto pelos Estados Unidos e pela Holanda.

A despeito da reação contrária dos Estados Unidos, tal aproximação Brasil-Suriname foi, e vem sendo levada a efeito, tendo em vista ser fundamentalmente importante para a nossa segurança nacional. Por isso, aos poucos a presença do Brasil se concretiza: no setor da cooperação agrícola, através de um protocolo de cooperação para levantamento na área energética e de estudos de viabilidade de projetos, e até em projetos de pesquisas minerais; tudo possibilitado pelo Tratado de Cooperação Amazônica, que tem tanto o governo brasileiro como o de Paramaribo como signatários.

A aproximação Brasil-Suriname foi ainda facilitada pelo Centro de Estudos Brasileiros instalado em Paramaribo, já com 550 alunos matriculados no curso de língua portuguesa em 1983⁷; bem como pela linha aérea Manaus-Belém-Paramaribo, substituindo a que foi suspensa para Haia, a fim de que a mesma venha a favorecer o aumento das atividades comerciais entre os dois países.

Em 1983 o Chefe do Estado-Maior do Exército do Suriname, Ivan Graanoogst, esteve por três

⁷ Aliás, no Comunicado Conjunto Brasil-Suriname, publicado no nº 32 da "Resenha de Política Exterior do Brasil", quando da visita de Saraiva Guerreiro a Paramaribo em 27 de janeiro de 1982 (que antecedeu a do General Danilo Venturini), foram destacados os resultados dos projetos já implementados no campo de cooperação técnica, tais como o "Curso de Treinamento para Diplomatas" com a participação do Instituto Rio Branco, e o curso de língua portuguesa organizado pela Universidade de Paramaribo com a cooperação da Embaixada do Brasil.

vezes no Brasil a fim de acertar com nossas autoridades o fornecimento de equipamento militar para o seu país; enquanto, deve-se ressaltar, se estruturava um plano de ação Exército-Aeronáutica, datado de 1980, para reforçar militarmente as fronteiras norte brasileiras.

Geopoliticamente infantil, ainda indefinido ideologicamente, o distanciamento Suriname-Cuba se deve em parte não só à ação brasileira, como também à morte de Bishop, amigo pessoal de Bouterse, e à invasão de Granada.

5 — CONCLUSÃO

A invasão de Granada em outubro de 1983 mostrou a capacidade de mobilização das tropas estadunidenses na região do Caribe, que, como a "quarta fronteira" dos Estados Unidos, tem importância geoestratégica para sua segurança nacional.

O Comando Militar dos Estados Unidos para o Caribe está instalado na Zona do Canal do Panamá. Aí atuam 10 mil homens subordinados ao Comando Sul do Exército dos Estados Unidos, chefiado pelo General Paul Gorman. No Panamá, os Estados Unidos contam com a Escola das Américas, dotada de amplas instalações para treinamento de oficiais, de um modo geral americanos, em táticas anti-subversivas; porém atualmente mais freqüentada por oficiais centro-americanos.

No Caribe os Estados Unidos possuem suas próprias bases, destacando-se a aeronaval de Guantânamo, em Cuba, onde estão per-

manentemente 2 mil homens da Marinha e 500 fuzileiros navais, além de tripulantes e pessoal de terra para a manutenção de aviões militares em dois aeroportos e navios de guerra no porto.

Por sua unidade, seu isolamento relativo e posicionamento geoestratégico, Cuba tem importância geopolítica no Caribe. Domina os principais acessos que unem esse mar, encontrando-se no centro da zona de bases principais dos Estados Unidos; e, em posição intermediária, na zona de bases secundárias formada pelo arco interno centrado em Navassa, comandada por Guantânamo.

Integrando as Pequenas Antilhas, têm destaque as Ilhas Virgens; o grupo se constitui de Tortola, Virgem Gorda e Anegada, integrando a Comunidade Britânica; de St. Thomas, St. John e St. Croix, pertencentes aos Estados Unidos; enquanto Vieques e Culebra se integram administrativamente a Porto Rico. (Mapa 2).

Como Estado Associado, os Estados Unidos têm reforçado suas instalações militares em Porto Rico, dando especial destaque à base aeronaval de Roosevelt Roads, mantendo ainda instalações de treinamento em Vieques. Ainda em se tratando de ocupação permanente, porém fora de território próprio, contam os Estados Unidos com instalações em Trinidad-Tobago (Chaguaramas), nas Bermudas, Antigua e Barbados, na qualidade de pontos de abastecimento e apoio.

No continente, além do Canal do Panamá e sua zona contígua, é em Honduras que os Estados Uni-

dos vêm montando toda uma infra-estrutura logística para conter o derramamento cubano-nicaraguense. Daí o destaque da base oficialmente hondurenha de Puerto Castillo, onde são treinados militares salvadorenhos e já chegando a 300 o número de assessores estadunidenses.

Bem mais discreta é a presença militar dos Estados Unidos em El Salvador, já que, em função das limitações impostas pelo Congresso, não é permitida a permanência de mais de 55 assessores das Forças Armadas dos Estados Unidos; esses assessores, além da proibição de portar fuzis, não podem participar de ações de combate.

No contexto geral, coube ao General Paul Gorman, do Comando Sul, reorganizar a 1ª de outubro de 1983 o CONDECA (Conselho de Defesa Centro-Americano). Surgido em dezembro de 1963 para fazer frente à ameaça cubana, esse pacto regional militar anticomunista, foi praticamente desfeito com a Guerra Honduras-El Salvador (1970) e a queda de Anastácio Somoza na Nicarágua em 1979. Mantendo a Costa Rica como observadora e, na mesma posição o General Gorman, a sede do CONDECA foi instalada na Cidade da Guatemala, onde a queda de Rios Montt e a ascensão do General Mejia Victores representou um maior estreitamento nas relações com Washington.

Fazem parte do CONDECA, com exceção da Nicarágua, os mesmos países aliados em 1963 — El Salvador, Honduras e Guatemala.



Já a atuação da Rússia no Caribe tem sido muito velada, por ser quase toda dirigida via Cuba, ilha que vem sustentando econômica e militarmente desde a ascensão de Fidel Castro, para que se preserve o regime comunista. Aceita-se que essa atuação da Rússia venha sendo velada, por ser o Caribe zona vital para os Estados Unidos; mas não atuação omissa tendo em vista a constante escalada e investida das esquerdas.

Conseqüentemente, as investidas dos Estados Unidos só recrudescerão ante a contenção de Havana-Moscú, visto que as guerrilhas colocam o Caribe em ritmo de guerra fria; guerrilhas impossíveis de serem justificadas sem o apoio de Fidel Castro.

Moscú age cautelosamente, sem aceitar, como Washington, compromissos que exijam o uso da força, pois seus interesses na área são ainda periféricos. E se está no Caribe a área de segurança imediata dos Estados Unidos, a da Rússia se encontra nas Repúblicas Socialistas de fronteira, e Países da Cortina de Ferro concentrados em sua periferia territorial.

Mostrando que os interesses russos são ainda remotos no Caribe, Moscú rejeitou a proposta de Havana, em fins da década dos 70, sobre a possibilidade de entrar para o Pacto de Varsóvia, e não se coloca num posicionamento frontal de modo que uma derrota dos sandinistas, dos guerrilheiros de El Salvador ou mesmo a queda do governo radical-marxista de Granada, possam ser vistos como uma derrota soviética.

No entanto, é fato incontestável que o Caribe se encontra em ritmo de guerra fria, já que quando se trata da Nicarágua ou de El Salvador, Moscú não deixa de externar "a sua simpatia fraterna com os povos da heróica revolução".

No contexto geral, porém, já tradição no Caribe, a insurgência vem sendo utilizada de forma deliberada, sobretudo no istmo, tanto pela esquerda como pela direita, para mudança violenta dos regimes, transformando-se a região em palco efetivo da guerra fria.

Nota-se que os sandinistas da Nicarágua vêm conseguindo maior êxito no combate aos insurgentes de direita do que El Salvador, com relação aos de esquerda. Os sandinistas que derrubaram Somoza foram treinados por instrutores soviéticos nos arredores de Havana; o Exército de Somoza era o mais aguerrido da América Central e não ofereceu a resistência esperada aos sandinistas. Daí a insegurança cada vez maior em El Salvador, Guatemala e Honduras, abrindo espaço psicológico e político para Fidel Castro, que não perde oportunidades sempre que essas se apresentam.

E tira proveito, sobretudo, das zonas de atrito que envolvem esses países; a Guatemala e El Salvador se entendem bem, mas o governo guatemalteco tem uma frente vulnerável em Belize, que reivindica como sua província, oficialmente, desde 1939. Assim, Havana procura tirar proveito das relações tensas entre Honduras e El Salva-

dor que já alinharam em luta seus Exércitos em 1970, por causa dos 250 mil salvadorenhos instalados em terras hondurenhas já que o artigo 68 da lei de reforma agrária determinava que só tinham direito à terra "los hondureños de nacimiento".

Nesse contexto, são bem difíceis as possibilidades de prognósti-

cos de vitórias concretas a curto prazo; isto porque, se de um lado vemos a incapacidade da insurgência vencer o Exército, do outro lado, num "empate militar", que submete a população a um "castigo histórico", é notória a incapacidade do Exército de vencer a insurgência. Encontra-se, pois, o Caribe em ritmo de guerra fria.



Therezinha de Castro — Bacharel e Licenciada em Geografia e História pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (atual UFRJ). Especialização: Geopolítica e Relações Internacionais. Além de outras obras, escreveu "Rumo à Antártica", em que defende os direitos do Brasil no Continente Antártico, "História da Civilização Brasileira", "Atlas-Texto de Geopolítica do Brasil", "África — Geohistória, Geopolítica e Relações Internacionais".